

Editorial

Mantendo seu intuito de divulgar pesquisas realizadas por meio das articulações entre o campo das artes visuais e áreas afins, a terceira edição da Revista-Valise apresenta quatorze trabalhos compondo seu sumário.

Como artista convidada para efetuar o ensaio visual deste número da revista, Denise Helfenstein nos apresenta *A captura da paisagem: escritas do tempo*. Composto por seis fotografias *pinhole* tomadas em longa exposição, as paisagens estão acompanhadas de sua escrita sonora, derivada dos ruídos captados no percurso temporal de realização das imagens.

Constituindo o Dossiê desta revista, temos o artigo *Hodológico*, de Gilles A. Tiberghien, que analisa aqui o “estudo das rotas”, ou a hodologia, mostrando suas relações com as artes visuais, sem deixar de abordar o conceito de deriva, caro aos situacionistas. A seguir apresentamos uma entrevista de Tiberghien, na qual reflete sobre sua formação filosófica e destaca algumas preocupações relativas ao universo dos *registros* que aparecem com frequência em suas obras. A entrevista foi concedida a Luiz Cláudio da Costa, a quem agradecemos por compartilhar esse importante material com a Revista-Valise.

Os demais textos publicados nesta edição correspondem às submissões feitas até o mês de março de 2012, quando recebemos um total de trinta e três trabalhos. Reitera-se que as avaliações do material submetido são executadas por pares em sistema duplamente cego. Agradecemos nosso conselho editorial e aos pareceristas *ad hoc* pelo rigor e disponibilidade na realização dessas avaliações.

No primeiro artigo que compõe o sumário, *A fotografia como paradoxo da superfície*, Ruth Sousa busca, a partir de um cruzamento entre o livro de



André Rouillé, *La Photographie*, e *A Lógica do Sentido*, de Gilles Deleuze, analisar filosoficamente certos aspectos da linguagem fotográfica através de uma série de procedimentos artísticos.

Luciana Estivalet apresenta um *Novo procedimento no processo litográfico*: o processo de gravação na pedra que substitui o uso de ácidos pela queima com o maçarico. A proposta de renovação do procedimento, além de não prejudicar a saúde do artista e o meio ambiente, propicia uma gravação mais ágil.

Em *A matriz socialista do Clube de Gravura de Porto Alegre: impressões figurativas*, Bianca Knaak e Talitha Bueno Motter revelam as influências e a relação dos seus fundadores com a intelectualidade de esquerda, constituindo sua plataforma de atuação pela figuração e pela temática regional.

Jander Rama problematiza, em *Homem-máquina: desconfianças de um corpo pós-humano*, noções relativas às articulações entre ciência, arte e ficção na construção de um contexto que abriga esse ser titubeante, homem-máquina.

A atuação de dois corpos distintos na interação obra-espectador, o corpo presente e o corpo ausente, é observada no artigo de Gabriela Cristina Lodo, que busca tratar dos limites da arte produzida na segunda metade do século XX. Ao apresentar questões geradas pelas obras de Soto e Oiticica, a autora igualmente reflete sobre a interação do público com a obra e sobre como essa interação dará sentido a ela.

Considerando as proposições vivenciais apresentadas pelos trabalhos de Hélio Oiticica, os autores Rasheed Areeen, Hipólito e Rabello refletem sobre os conceitos de *virtualidade*, *supra-sensorial* e *crelaxer* e o papel do espectador como co-autor das obras do artista.

A partir da obra de Rafael França, que se caracteriza pela prática de desconstrução da linguagem audiovisual convencional, Lyara Oliveira, no texto *Rafael França – processos de desconstrução audiovisual*, propõe discutir questões da videoarte, contextualizando, desta forma, a produção brasileira nesta área.

O artigo de Amanda Bonan Gusmão investiga a obra artística e teórica do paquistanês Rasheed Areeen, conhecido por questionar a institucionalização da arte eurocêntrica, por ser o fundador do grupo de pesquisa *Black Umbrella* e o criador da revista *Third Text*. Como pano de fundo, a autora resgata os problemas colocados à Inglaterra por suas ex-colônias.



A relação entre arte e política está presente nas obras *Emigrantes e Fugitivos*, de Honoré Daumier. Essa questão é abordada no artigo de Jardel Dias Cavalcanti, no qual o autor situa culturalmente o interesse de outros artistas pela questão.

Em *Elke Hering e aquilo que nos escapa*, Daiana Schwartz busca identificar as frequentes análises místicas e míticas da vida e obra de Elke Hering, a partir de depoimentos da própria artista e de diferentes autores. Ressalta, com isso, o fato de ainda se fazerem presentes na sociedade contemporânea discursos imbuídos de teor romântico quando se aborda a figura do artista.

Na nota de leitura, realizada a partir do livro *Radicante – por uma estética da globalização*, André Monteiro nos apresenta uma visão crítica dos conceitos abordados por Nicolas Bourriaud, colocando-os em relação a certos artistas brasileiros, que tangenciam questões semelhantes.

Este terceiro número da Revista-Valise reafirma sua missão de se constituir como um espaço qualificado de diálogo entre as Artes Visuais e áreas congêneres. Procura refletir, com uma cuidada seleção de artigos acadêmicos originais, produzidos por autores de diversas instituições do país e mesmo do exterior, quais são as preocupações que fazem pulsar, hoje, o sistema das artes.

As editoras.

